

CAPÍTULO 3

O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço¹

Bernardo Buarque de Hollanda

Fundação Getúlio Vargas, Brasil

“Se é verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência — literária, lexicológica ou sociológica —, devo reconhecer que produzi tão-somente ensaios, gênero incerto em que a escritura rivaliza com a análise.”

Roland Barthes

“... mais do que o campo deserto da vida vazia, o futebol é um campo de jogo em que se confronta o vazio da vida”.

José Miguel Wisnik

1 Esse texto e sua tradução foram possíveis graças ao apoio da Faperj, por meio de seu programa *Cientista do Nosso Estado*, processo número E-26/203.953/2024, a quem o autor agradece.

INTRODUÇÃO

O presente capítulo sistematiza observações orais, feitas durante o colóquio internacional *As ciências sociais face ao futebol*, realizado em Paris, no dia 06 de novembro de 2024. O propósito de então foi fazer um balanço da produção acadêmica dedicada ao futebol brasileiro, nas áreas de História e Pensamento Social.

Para tanto, um levantamento inicial permitiu de início conhecer as linhas mestras da produção bibliográfica contemporânea, com seus avanços, com suas recorrências e com suas lacunas. O mapeamento deu subsídios suficientes para situar a publicação sobre a temática futebolística nos programas de pós-graduação em História, quer seja em nível de mestrado ou de doutorado.

A apreciação qualitativa da literatura historiográfica destaca duas ordens de reflexão. Uma é de cunho individual, enquanto a outra tem caráter coletivo. À parte o pioneiro, porém datado, livro *História política do futebol brasileiro* (1981), do saudoso historiador Joel Rufino dos Santos, publicado pela coleção *Tudo é história*, da combativa editora Brasiliense, a historiografia do futebol assiste a um ápice quando da publicação de *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro — 1902-1938* (2000), de autoria de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, fruto de uma tese de doutorado em História Social pela Unicamp no final dos anos 1990.

Junto ao destaque individual, é incontornável aludir à volumosa e instigante produção do professor Victor Andrade de Melo (UFRJ). Desde a publicação de *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no*

Rio de Janeiro (2001), o pesquisador e seu grupo têm contribuído para uma ampliação da historiografia do esporte sob perspectiva comparada, mais abrangente que o monotemático e estrito interesse pelo futebol, tal como costuma-se reproduzir na Academia brasileira, em detrimento de outras modalidades esportivas.

Apresentadas as linhas de força acima, cabe dizer que o presente capítulo, conforme o fiz por ocasião da intervenção oral no colóquio, não se pretende exaustivo no tocante ao domínio da História. Adota-se aqui, por assim dizer, uma tangente. Com efeito, a estratégia do texto propõe outro foco argumentativo. Grosso modo, procura-se argumentar doravante que, em paralelo aos trabalhos monográficos universitários dos últimos anos — dissertações e teses em especial — a produção ensaística sobre a temática dos esportes continua bastante profícua na atualidade e não pode ser descartada de um balanço que se pretende atualizador.

A busca pelas matrizes do ensaio permite identificar uma linguagem de intelectuais que tem em Gilberto Freyre, em fins dos anos 1930, e em Roberto DaMatta, no início da década de 1980, dois de seus representantes mais emblemáticos no Brasil. Em que pesem princípios epistemológicos distintos e premissas teóricas criticáveis, segundo acadêmicos apreciadores da polêmica, a qualidade das sugestões freyreanas e a argúcia das postulações dammatianas, vistas em suas respectivas épocas, fazem delas referências até os dias de hoje.

Essa constatação, conforme será exemplificado a seguir, pode ser estendida a autores vinculados à tradição acadêmica da USP, tais como Décio de Almeida Prado (1997), Flávio Aguiar (2003), Nuno

Ramos (2007), Hilário Franco Jr. (2007), José Miguel Wisnik (2008) e Boris Fausto (2009, 2010), entre outros. Esses uspianos têm em comum o interesse pelo futebol brasileiro mediante a adoção de um tipo de abordagem, o ensaio, cuja característica é não se subordinar aos padrões de escrita standardizados e retificados pelos programas de pós-graduação.

Sugere-se que, nos últimos 60 anos, o ensaio permaneceu como gênero narrativo atraente para muitos intérpretes do Brasil, com contribuições que merecem atenção também na seara esportiva. De modo geral, a produção ensaística, privilegiada por certa tradição intelectual ligada à universidade, dedica-se a refletir sobre o futebol, mas o faz de maneira independente da produção científico-mono-gráfica *stricto sensu*.

Em face disso, postula-se que o ensaísmo, muito presente no pensamento social brasileiro entre as décadas 1930 e 1960, continua a produzir interpretações do Brasil. Estas, por sua vez, não devem ser vistas como simplesmente pré-científicas, ou de somenos importância para o campo de estudos esportivos. Uma das singularidades interpretativas do ensaio social é incluir o chamado estilo nacional de jogo, com ênfase em miradas totalizadoras e em sínteses generalizantes.

Sem entrar em juízos de valor quando se comparam a monografia e o ensaio, procura-se revisitar as obras dos autores que escreveram sobre o futebol brasileiro de meados do século XX até princípios do século XXI. A emergência institucional das Ciências Sociais nos anos 1940 indicava a monografia como garantia suprema de cientificidade, haja vista sua precisão quanto ao método, à teoria, à análise,

à fonte e à demonstração, entre outros fundamentos científicos. Ao mesmo tempo, ela rechaçava a escrita ensaística, atribuída a polígrafos do século XIX e XX. Não obstante, a persistência do ensaio social na contemporaneidade evidencia o potencial atrativo desse modo de narrar e de interpretar aspectos da vida social brasileira.

O propósito de tratar desse tema tangencial faz com que o presente texto se estruture em três partes principais. A primeira, à guisa de contextualização, procura definir o gênero do ensaio, com evidências de sua longevidade histórica e de sua presença no meio intelectual internacional. Em contraposição à metodologia de pesquisa científica, cujos procedimentos demonstrativos e analíticos dão pouca margem à porosidade interdisciplinar, à ambivalência entre arte e ciência e à busca por certos *insights* com alcances mais ousados, descrevem-se as características distintivas da escrita ensaística, tais como formuladas por teóricos da literatura e por renomados filósofos.

A segunda parte do capítulo volta-se para a importância da tradição do ensaio social no Brasil, sem deixar de ressaltar a sua crítica, feita durante o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e na esteira da criação e da formação das universidades brasileiras, entre os anos 1930 e 1970. Em paralelo, mostra-se como desde esse período reconhecidos escritores, formados no ambiente universitário, já se interessavam pela temática do futebol, com apreciações amparadas no tipo de escrita ensaística. A constatação possibilita chegar a exemplos contemporâneos, que endossam sua atualidade e sua vivacidade.

Por fim, a terceira e última parte, debruça-se sobre uma obra de vulto na cena contemporânea brasileira. Trata-se de livro de autoria

do professor e crítico José Miguel Wisnik (USP), o qual será tratado adiante. O propósito desta seção é apresentar de forma panorâmica as ideias fundamentais que embasam esse caudaloso trabalho, com mais de 400 páginas, capaz de elaborar uma extraordinária síntese interpretativa do imaginário brasileiro, revisitando, à luz do futebol, os clássicos do pensamento social, em princípios do século XXI.

A publicação é alvo de interesse, na medida em que ela emerge no momento mesmo em que parte da Academia acredita não fazer mais sentido aventar a centralidade da identidade nacional, nem tampouco pensar a “pátria de chuteiras” como metáfora explicativa ou como metonímia definidora do Brasil.

O ENSAIO COMO GÊNERO NARRATIVO

Em que consiste o ensaio? De onde ele provém? A que concerne a narrativa ensaística? Na história da literatura, o ensaio é entendido como um gênero literário distinto da crônica medieval e do tratado filosófico. Sua gênese remonta ao Renascimento e, em particular, ao autor renascentista Michel de Montaigne. A obra *Ensaaios*, publicada no final do século XVI, advoga a centralidade e a singularidade do autor-escritor, livre das peias da tradição religiosa e sem as amarras da certeza cartesiana. Ela vai assim de encontro à impessoalidade, à coletividade e ao conhecimento chancelado pela religião.

O pensamento de Montaigne emerge em consonância com o advento da história moderna, responsável pelo progressivo reconhecimento da esfera de liberdade, de livre arbítrio e do direito de opinião individual, capaz de expressar sentimentos e conhecimen-

tos adquiridos pelo “eu” subjetivo. Os ensaios de Montaigne tornaram-se conhecidos pela alta erudição, pela versatilidade temática e pela referência simultânea a temas humanísticos do passado e do presente. Tal modo de escrever era timbrado por um estilo autoral, ágil o suficiente para alternar textos longos e curtos, com temário sortido e com irregularidades entre si, sem uma ordem predefinida ou articulada de assuntos, variando ao sabor das idiossincrasias e dos interesses pessoais do autor.

Desde então, a matriz francesa dos ensaios encontrou adeptos em outras regiões europeias. Nos séculos seguintes, os britânicos, por exemplo, notabilizaram-se pelo culto ao ensaísmo, um tipo de escrita que consideravam criativa e sugestiva, embora imperfeita do ponto de vista formal. Nela, as ideias são desenvolvidas sem a necessidade de seu esgotamento, de sua comprovação cabal, nem de sua exaustão argumentativa. O desafio é exercitar temas variados, com base em intuições e em sugestões, sem a obrigação de escanear uma demonstração com início, meio e fim, de maneira estanque, apriorística ou conclusiva. A abertura constitutiva, a plasticidade e o inacabamento estrutural dessa escrita são, portanto, três de suas características estilísticas.

Já na primeira metade do século XX, o ensaio ampliou seu raio de ação e tornou-se cultivado também na Espanha, valendo-lhe a preferência de autores como Miguel de Unamuno e Ortega y Gasset. De igual maneira, neste mesmo período, a tradição intelectual alemã apropriou-se desse excêntrico gênero literário. Para tanto, os alemães acentuaram sobre os traços da escrita ensaística as

questões próprias da filosofia. Assim, o ensaio literário dilatou-se da mesma forma para o chamado ensaio filosófico, interessado menos em assuntos metafísicos e mais em tópicos da história, da cultura e das obras de arte. A meio caminho entre a história, a literatura e a ciência, o ensaio tornou-se uma forma de escrita crítica, conforme sugeriam os teóricos Luckács (Duarte 2016) e Adorno (2003).

Essa forma de escrita passou a ser cultivada por pensadores da modernidade que, no bojo das inquietações existenciais de Nietzsche e Schopenhauer, questionavam a realidade fragmentada da vida nas grandes metrópoles, os efeitos técnicos, práticos e materiais da revolução industrial de 1870 e o suposto sucesso do projeto das civilizações imperiais de partilha e de dominação total do mundo. O questionamento da filosofia germânica à ciência positivista incluía críticas a seus procedimentos de investigação, bem como a seus critérios de validação e de manipulação do real. Assim, o positivismo científico é atacado pelos cultores do ensaio filosófico, com especial destaque para aqueles, direta ou indiretamente, ligados à Escola de Frankfurt, a exemplo de Simmel e de Benjamin, além dos supracitados Luckács e Adorno.

Não é o caso aqui de historiar por completo a introdução e a presença do ensaio no Brasil. Por suposto, as influências europeias acima pontuadas afetaram o país e encontraram acolhida no ambiente intelectual brasileiro. Machado de Assis, por exemplo, admirador da literatura anglo-saxã, projetou-se nas letras graças ao cultivo de gêneros literários modernos, como o romance e o conto, mas não deixou de assinar importantes ensaios reflexivos sobre o contexto em

que viveu. *Instinto de nacionalidade*, publicado em 1873 em uma revista norte-americana, tece críticas sobre a postura prototípica do escritor nacionalista brasileiro, egresso do romantismo. Neste bosquejo ensaístico, o escritor sugere uma relação menos comprometida do literato com a “cor local” de sua terra e de seu povo.

Entre fins do século XIX e início do século XX, o ensaio foi adotado por muitos escritores, denominados polígrafos, ou seja, autores que atuavam de maneira simultânea no jornalismo, na política, nas faculdades e em outras áreas da vida social. Com atuação pública em várias frentes, esses bacharéis, ao mesmo tempo jornalistas e políticos, contribuíram para favorecer a disseminação no Brasil da escrita ensaística, livre de fórmulas metodológicas e científicas mais restritas.

Entre 1870 e 1920, escritos de figuras públicas como Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha, Alberto Torres e Alcântara Machado, Oliveira Vianna e Paulo Prado, em paralelo a estudos em formato de escrita mais tradicional, valeram-se do ensaio para publicar livros que se tornaram seminais na compreensão do Brasil.

Paulo Prado, para ficar com apenas um exemplo, mecenas do modernismo brasileiro, publicou *Paulística*, em 1924, conjunto de textos livres sobre a história do povoamento de São Paulo, e celebrou-se com a publicação de *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, em 1928. Este último, conforme o próprio subtítulo sugere, traçava um painel histórico da colonização portuguesa e identificava os caracteres constitutivos de uma espécie de mentalidade coletiva nacional. Esta conformava-se a partir de valores morais herdados dos colonizadores lusitanos, tais como a cobiça, a

preguiça e a luxúria, forjados no contato com negros escravizados e com índios indolentes.

Foi durante as décadas de 1930 e 1940 que o ensaio social adquiriu maior *status* e projeção, ao menos se observado, em retrospectiva, dos dias de hoje. Em meio ao rescaldo do ambiente cultural do modernismo e *vis-à-vis* o avanço do processo urbano-industrial do país, intelectuais continuaram a produzir obras interpretativas da realidade nacional. Para tanto, revisaram métodos, conceitos e visões de mundo associados à história do Brasil. Os livros de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Jr. — *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936) e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), respectivamente — passaram a ser vistos como as grandes interpretações do país, atualizadoras dos impasses, dos desafios e das contribuições da sua formação histórica.

Não cabe aqui desenvolver as ideias que notabilizaram cada uma dessas obras. Ressalta-se tão somente a identificação de Antônio Cândido (2016) de que essa tríade de autores e de livros havia sido marcante na renovação da imagem do passado brasileiro. Os trabalhos, de cunho ensaístico individual, muito distintos entre si, provinham da pesquisa de intelectuais equipados por larga erudição, capazes de combinar a forma original de concepção de sua obra a conteúdos transversais, sob um olhar aguçado para a realidade contemporânea e para a identidade nacional. Isto se processava por meio da influência do ideário modernista e da apreensão teórica das Ciências Sociais modernas — Franz Boas, Karl Marx e Max Weber, entre outros —, lastreado por um modo de entendimento diferenciado do processo formativo do país.

A criação das universidades, a formação dos cursos de graduação e a autonomia das áreas do conhecimento deram origem a um novo modo de produção do conhecimento científico, com a especialização de suas funções e com a sistematização de aparatos teóricos no controle de pesquisas empíricas. Em São Paulo, a Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e a Escola de Sociologia da Universidade de São Paulo (1934) incorporaram influências francesas e norte-americanas das Ciências Sociais. Florestan Fernandes constituiu um dos nomes paradigmáticos do projeto de constituir bases sólidas e objetivas para o trabalho científico. Com esta finalidade, elegeu como antípoda o gênero do ensaio, sobretudo aquele produzido no Nordeste, por autores como Gilberto Freyre.

No caso de Freyre, o contraponto dava-se não apenas pelo entendimento da escola sociológica paulista de que o ensaísmo carecia de embasamento científico moderno, em decorrência de seu pen-
dor impressionista e assistemático. Partia-se também da suposição de que a obra ensaística freyreana constituía uma ideologia e expressava uma visão de mundo, ela própria patriarcal, que refletia uma posição de classe senhorial, destituída de conceitos e de categorias analíticas precisas.

Dessa forma, questionavam-se tanto forma quanto conteúdo na escrita do sociólogo pernambucano. A contrapelo disto, instituíam-se os critérios de comprovação da cientificidade e afirmava-se um novo tipo de cientista na segunda metade do século XX.

Nos últimos 65 anos, o projeto epistemológico da Escola de Sociologia de São Paulo, com Florestan Fernandes à frente, se estabeleceu e se consolidou no ambiente universitário brasileiro. A partir dos anos 1970, essa consolidação amplificou-se com a introdução dos programas de pós-graduação em São Paulo e no Rio de Janeiro. De modo progressivo, ela se estendeu às demais capitais e a suas respectivas universidades federais.

Nesse cenário de padronização e de nivelamento, a irregularidade do gênero do ensaio foi preterida. Ela tornou-se acessória, secundária ou relegada aos espaços dos jornais, quando a imprensa ainda cultivava textos mais densos, eivados de polêmicas e debates, por meio de seus suplementos culturais e literários. No entanto, apesar da perda de *status*, atrelada a uma suposta linha evolutiva que condenaria o gênero ao ostracismo, ante a superioridade, o rigor e a universalidade do sistema metódico de pesquisa, o ensaio não chegou a sair de cena por completo.

Pode-se dizer que o ensaio continuou a coexistir na vida acadêmica e nos fóruns públicos de debate intelectual. A coexistência se deu mesmo nos locais em que o padrão do *homo academicus* foi mais acentuado, como é o caso de São Paulo e da própria Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), sob a influência de Florestan Fernandes, entre outros. Distinto do artigo científico e da monografia dissertativa, o experimentalismo do ensaio adquiriu repercussão em textos publicados nos anos 1960 e 1970.

Convém assinalar ainda o aparecimento de ensaios seminais, com repercussão longeva, tais como os assinados por Antônio Candido e de Roberto Schwarz, intitulados: “Dialética da malandragem” (1970) e “As ideias fora do lugar” (1972).

Um apanhado da produção intelectual sobre futebol no Brasil, antes e depois do processo de institucionalização do campo de estudos do esporte, quer seja na Educação Física ou nas Ciências Sociais, corrobora a afirmação acima, ao mostrar a presença constante de acadêmicos que se dedicaram a assinar ensaios acerca da temática.

De forma diacrônica, porém não exaustiva, elencam-se em seguida alguns exemplos de autores e de obras ensaísticas dignas de menção. Embora não exclusiva, dar-se-á atenção a professores e pesquisadores vinculados à USP, uma das matrizes difusoras do cânone da pesquisa em Ciências Sociais, conforme apontado acima, a fim de mostrar como o ambiente universitário permaneceu poroso à escrita ensaística, em paralelo à crescente institucionalização e especialização das investigações.

Já nos anos 1950, o imigrante alemão Anatol Rosenfeld (2007), futuro professor de teatro da ECA/USP, dedicou um estudo acerca da importância do futebol no Brasil. Com pouco mais de 30 páginas, o texto apresentava ao público de língua germânica, através do anuário *Hans Jahrbuch*, aspectos históricos, econômicos e psicossociais da prática futebolística no país, em meados do século XX.

Mais do que mera apresentação introdutória a leitores estrangeiros, o ensaio dialoga com a obra do jornalista Mario Filho, autor do afamado *O negro no futebol brasileiro* (1947). Neste diálogo,

Rosenfeld já sugere então uma crítica à suposição de Filho, segundo a qual a ascensão econômica dos negros por intermédio do futebol implicaria em reconhecimento social. O autor de origem alemão buscou refutar a ideia de uma superação metafórica do racismo na sociedade brasileira, tal como supunha a vertente freyreana, de corte culturalista, a que se filiava Mario Filho.

No final da década seguinte, ainda sob a visível influência do ensaísmo de Gilberto Freyre — ele próprio autor de diversos textos ensaísticos sobre futebol entre os anos 1930 e 1970, a acentuar as metamorfoses do esporte bretão, reto e anguloso, sobre o brasileiro, sinuoso e curvilíneo —, outro ensaio instigante acerca do assunto é publicado. Trata-se do trabalho do professor Pessoa de Moraes, que publicaria o livro *Tradição e transformação do Brasil* (1968). Esta obra, que não viria a ser reeditada, tornando-se hoje tão desconhecida quanto de raro acesso para o grande público, é assinada por um catedrático da Universidade Federal de Pernambuco.

O professor da UFPE explora no livro uma miríade de temas da cultura popular, ligados ao imaginário nacional, tais como frevo, samba, bossa nova, política, messianismo e magia. O segundo capítulo intitula-se “O futebol e a psicologia brasileira” e trata de discorrer, em mais de quarenta páginas, acerca da “influência das raízes profundas de nossa cultura sobre o estilo de futebol jogado no país” (1968: 69).

Em dicção muito próxima a Gilberto Freyre e escrevendo sob o impacto de vitórias internacionais do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, o texto de Moraes propõe a prática futebolística como uma assimilação exitosa ou, por outra, como um transplante bem-sucedido do jogo codificado na Inglaterra. Este,

no Brasil, é acrescido da “elasticidade prodigiosa do negro”, da sua “agilidade versátil”, dos “rasgos impulsivos dos mestiços” e das suas “fortes ondas emocionais” (1968: 71 e 83).

De volta ao universo de autores vinculados à Universidade de São Paulo, vale aludir ao escritor Décio de Almeida Prado, notório crítico de teatro e professor da Escola de Arte Dramática da USP. Junto a seu conhecimento sobre literatura e dramaturgia, no que se aproxima de seu contemporâneo Anatol Rosenfeld, Prado foi responsável por publicar textos memorialísticos e ensaísticos acerca da temática esportiva. Cinco desses textos foram reunidos no livro *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol* (1997). Este, por sua vez, compila escritos futebolísticos datados de um intervalo que vai de 1961 a 1989. Seus títulos são os seguintes: 1. “Recordação de Leônidas da Silva”; 2. “Quatro bicampeões”; 3. “Fotos de Pelé”; 4. “Latejando com o futebol”; e 5. “Tempo (e espaço) no futebol”.

A variação entre os ensaios é substantiva, com textos ora maiores ora menores, ora mais densos ora mais evocativos. Dos cinco, salta aos olhos, pelo caráter sugestivo de suas ideias, “Tempo (e espaço) no futebol”. Trata-se da tentativa de abstrair a aleatoriedade de possibilidades combinatórias do jogo e de refletir sobre suas propriedades fundamentais, consubstanciadas em regras, atores, valores, linguagens e equipamentos.

Décio de Almeida Prado, em pouco mais de dez densas páginas, propõe-se a esquematizar, em termos abstratos, os fundamentos espaciais e as dimensões temporais que compõem o núcleo duro da atividade futebolística. A descrição densa o leva a um arremate conclusivo da relação de dependência entre a escrita e a prática do futebol:

“Concluí que sim: o futebol, arte do efêmero, não prescinde das palavras fixadas no papel, que, sem conter as imagens, evocam as sensações despertadas por elas no momento mágico da execução” (1997: 11).

Outro imigrante radicado no Brasil, que se interessou em compreender o significado do futebol no país, foi o filósofo tcheco Vilém Flusser. Docente na Universidade de São Paulo, Flusser teve publicado em 1994 um livro na Alemanha, com o título inusitado de: *Fenomenologia do brasileiro – em busca de um novo homem*. Apesar da publicação póstuma, nos idos dos anos 1990, os nove ensaios constantes da obra haviam sido redigidos em décadas anteriores. Um deles denomina-se “Alienação” e volta-se à reflexão sobre o sentido do futebol no Brasil. A comparação contrasta tal sentido com a significação formulada na Europa.

A densidade e a originalidade desse ensaio filosófico podem ser aferidas ao longo da leitura das suas 20 páginas. Flusser procura se contrapor à ideia corrente de acordo com a qual o futebol cumpriria um papel apenas evasivo da realidade. Tal argumento seria para ele por demais trivial, e o fenômeno futebolístico brasileiro requereria uma análise mais acurada por parte de sua intelectualidade. Se a propensão inicial do torcedor que busca o futebol é, em princípio, um estado de evasão do cotidiano, uma fuga do mundo opressor do trabalho, fato claro para o autor no ambiente europeu, o caso brasileiro seria a seu juízo qualitativamente distinto, uma vez que nele ocorreu uma espécie de “salto dialético” em relação ao primeiro estágio, “mascarador” da realidade.

Segundo o filósofo, o Brasil deslocou o futebol da alienação ao engajamento, porquanto a realidade do jogo se tornou aqui domi-

nante, absorvente, e não apenas complementar. Ele extravasou seus domínios originais para todas as redes da vida social, não o inverso. Assim, o futebol brasileiro não se converteu em mera válvula de escape, a reabastecer as energias exauridas no trabalho e a consumir o potencial revolucionário das massas oprimidas. Por meio dele, ao contrário, é que o homem se apercebeu da possibilidade de forjar uma outra realidade, a realidade do jogo, onde ele também se sente parte ativa, dentro de um universo complexo e dinâmico.

No fecho do ensaio, Flusser afirma que, com base na experiência vivenciada no país, seria possível projetar, em termos de uma utopia dialética à brasileira, “um novo homem”, o *homo ludens*, autêntico e espontâneo, cuja vida não seria mais condicionada pelos vencilhos da economia (1998: 101).

Outro autor de origem uspiã a ser tratado aqui é Flávio Aguiar, professor de literatura brasileira. No início dos anos 2000, em coletânea organizada por Alfredo Bosi, Aguiar publica o instigante ensaio “Notas sobre o futebol como situação dramática”. As quinze páginas do texto podem parecer, à primeira vista, ligeiras, mas a leitura mostra o contrário. Está-se em face de uma lata e profunda reflexão, na linha proposta por Décio de Almeida Prado, apta a sondar e a investigar os seus princípios constitutivos mais abstratos.

Para tanto, o que reaparecerá também em José Miguel Wisnik, como se verá na seção seguinte, o prof. Aguiar lança mão da comparação com outras modalidades esportivas e da dissecação concentrada dos elementos internos exclusivos do jogo. Sem apelar para as circunstâncias políticas ou para os condicionantes sociais, a riqueza descritivo-reflexiva dá a impressão de que se está diante de um exer-

cício estruturalista. É como se a abordagem enfocasse certo texto literário ou certa interpretação erudita de determinada narrativa mítica.

Senão, vejamos, a título de exemplificação:

“O espaço do futebol é a totalidade. Essa totalidade é feita de círculos e quadriláteros. O Universo cabe num círculo; o movimento, enquanto desejo de harmonia, num quadrilátero. O futebol soluciona o problema da quadratura do círculo, embora os quadriláteros não sejam quadrados. Eles se alongam, fazem-se retângulos; a harmonia do movimento se alonga em desejo de aventura (...) O círculo do estádio é vazio. Tem retângulos de entrada, as bocas de túnel por onde se dá a triunfante entrada e a melancólica ou vitoriosa saída. Esses retângulos de entrada são portas para o passado e do passado. Quem por ali passa se transfigura”. (2003: 151-152)

A sequência cronológica dos ensaios leva a sair novamente do eixo de circunscrição universitário paulistano. O foco agora incide nas ideias do ensaísta baiano Antônio Risério, antropólogo e intelectual público, reconhecido na cena cultural contemporânea. Em 2007, Risério lançou o livro *A utopia brasileira e os movimentos negros*, conjunto de 16 ensaios. Com quase 30 páginas, um deles debruça-se sobre a temática aqui examinada, intitulada “A escola brasileira de futebol”.

No trabalho, o autor repisa determinadas questões recorrentes da constituição da identidade nacional, a partir do olhar enformado pelas lentes modernistas que acentuam o universo da cultura popular. Acentua-se assim a “disposição cultural antropofágica” (2007:

322) do brasileiro e faz-se o elogio do neobarroco mestiço, tal como visto também para explicar o caso de sucesso do futebol brasileiro.

Nesse sentido, Risério esmera-se em evocar os critérios étnicos e estéticos que equiparam o futebol à esfera de ambiência artística. Aborda igualmente por que razão “moleques” e “malandros” foram capazes de abraçar um fenômeno esportivo estrangeiro, indo ao encontro da visão freyreana, que subjaz ao discurso de muitos intelectuais, sendo este manifestado de maneira consciente ou inconsciente.

A perspectiva abrangente de Risério não deixa de amparar-se em rigoroso e em vasto domínio da literatura acadêmica atinente à história, à sociologia e à antropologia do futebol no Brasil. O embaçamento invalidaria críticas ao desconhecimento do saber especializado, à contribuição bissexta e às afirmações de ordem generalistas por parte do autor. Outrossim, deve-se reconhecer que, em seu substrato, as ideias continuam a se aferrar ao culturalismo de jaez modernista ou freyreano.

Em 2007, no mesmo ano da publicação desse texto de Risério, outro autor lança uma obra com espaço reflexivo para pensar a prática do futebol. Nuno Ramos, artista plástico e escritor paulistano, traz a lume *Ensaio geral*, miscelânea de escritos com projetos, ensaios, roteiros e textos memorialísticos. Uma de suas cinco seções reúne um total de nove escritos que enfocam questões esportivas.

O interesse principal da abordagem recai em especulações sobre a figura do jogador de futebol, seja Tostão, Ademir da Guia, Reinaldo, Ronaldinho Gaúcho ou Robinho. O ensaio mais extenso e mais intenso, por sua vez, chama-se “Os suplicantes: aspectos trágicos do futebol”.

É notável a convergência de perspectivas deste escrito com aqueles de autores uspianos acima aludidos: Prado, Wisnik e Aguiar, em particular. A recorrência temática denota o interesse de parcela da intelectualidade na aproximação entre o universo futebolístico e a busca por dimensões literárias transcendentais. Essas são ora dramáticas, ora trágicas, ora barrocas, ora épicas. Tal linhagem, diga-se de passagem, remonta às crônicas esportivas do dramaturgo Nelson Rodrigues.

Por fim, o último ensaísta que gostaria de aludir nessa seleção também pertence aos quadros docentes da USP. Trata-se do renomado historiador Boris Fausto, autor referencial na historiografia brasileira, com obra dedicada ao estudo da Revolução de 1930, da imigração, do trabalho e do cotidiano no Brasil. Em seus últimos escritos, o autor vem-se consagrando a exercícios de micro-história e ao ensaio memorialístico.

Os livros *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930* (2009) e *Memórias de um historiador de domingo* (2010) combinam narrativas sobre a história da cidade de São Paulo com episódios de sua vivência pessoal. A finalidade é investigar, sob prismas insuspeitados, a formação do ambiente urbano paulistano, ao longo do século XX. Em ambos, o futebol comparece como uma das peças-chaves na compreensão do período, o que é avivado por suas próprias recordações.

O primeiro livro, ambientado no caso verídico de um crime misterioso, ocorrido na capital paulista em fins dos anos 1930, dedica um capítulo — “O fio invisível do Diamante Negro” — a abordar a figura do futebolista Leônidas da Silva. Este, de origem negra, fora conver-

tido em ídolo nacional durante a Copa do Mundo da França, em 1938, e tornara-se famoso com a profissionalização do futebol. Em meio às peripécias de elucidação do controvertido assassinato, atribuído a um empregado igualmente de origem negra, o historiador recompõe o ambiente do país à época e discute com originalidade a polêmica em torno do racismo no Brasil, mediante um contraponto entre o jogador Leônidas e o suposto assassino do caso investigado.

O segundo livro, de cunho memorialístico mais explícito, relata em um dos capítulos a relação do historiador com o futebol em São Paulo, durante os anos 1940 e 1960, período em que o autor viveu a sua adolescência e juventude. “Futebol e cinema: um mundo masculino” traz o registro afetivo de uma fase do profissionalismo esportivo, em que a popularização clubística de Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos já dividia as preferências dos habitantes da cidade, em sua maioria homens jovens e adultos. Com a construção de estádios de grande vulto, como o Pacaembu, os frequentadores das praças esportivas, dentre eles o próprio responsável pelas reminiscências, eram considerados a metonímia do povo brasileiro.

Nessa evocação, Fausto reconhece:

“Sempre gostei também de me misturar à massa nos estádios de futebol, em meio ao ‘politicamente incorreto’ mais radical, talvez como compensação a uma vida certinha. Engana-se quem pensa que o torcedor é uma partícula de uma massa informe que xinga, agride, vaia ou aplaude sem nenhum critério, expressando uma desenfreada emoção. Não é bem assim. A torcida tem seus ritos, suas motivações, seus critérios

de aprovação, de entusiasmo, de desânimo e de arrebatamento. (...). Por que essa presença permanente do futebol e da paixão de torcedor ao longo de toda uma vida? A explicação mais simples, no meu caso, é a de que o futebol foi um dos elementos de formação de minha personalidade nos anos de infância e depois abriu uma brecha de salutar irracionalidade numa existência em que o racionalismo figura em doses excessivas”. (2010: 49-50)

Feita, pois, a apresentação panorâmica das diversas produções que se basearam na escrita ensaística para o tratamento do futebol no Brasil, e arroladas algumas de suas características principais, quer seja de forma ou conteúdo, a proposta da próxima seção é deter-se em apenas uma única obra. A nosso juízo, ela condensa e emblematiza, no seu mais alto grau, as qualidades do ensaio, com as suas virtudes sugestivas e com as suas potencialidades interpretativas. Deste modo, a mesma contribui para pensar o significado esportivo-cultural do futebol brasileiro.

A PERSISTÊNCIA DO ENSAIO – FUTEBOL, LITERATURA E MÚSICA EM JOSÉ MIGUEL WISNIK

Em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, o professor, compositor e crítico José Miguel Wisnik (USP) oferece à tradição ensaística brasileira uma de suas obras mais surpreendentes. Notável pela combinação de um sem-número de qualidades — erudição pandisciplinar, fôlego narrativo, imaginação estética, rigor analítico — o trabalho

avulta como uma contribuição original à decifração dos enigmas do Brasil moderno, por intermédio de um dos domínios mais prosaicos da vida nacional-popular no século XX: o futebol.

Conhecido pela argúcia crítica no âmbito da literatura e da música, Wisnik estende seu método de leitura de textos e partituras à análise exegética do que se passa dentro das quatro linhas do campo. Com isto, esquadrinha, funde e salta por sobre seus interlocutores privilegiados, reinventando as ideias dos modernistas da Semana de 1922, dos intérpretes do pensamento social dos anos 1930 e das vanguardas artístico-arquitetônicas das décadas de 1950 e 1960, matrizes que expuseram as contradições e as potencialidades da formação cultural brasileira.

Elaborado após longa maturação, o livro tem como *parti pris* a ideia de que o futebol é “o idioma geral de uma língua não-verbal”. Seu *leitmotiv* é anunciado pelo próprio autor, e poderíamos compará-lo àquilo que o historiador literário estadunidense Stephen Greenblatt chamou de um *maravilhamento*: a leitura de um ensaio do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975) a propósito do futebol brasileiro, escrito logo após a conquista do tricampeonato mundial na Copa de 1970. Fascinado pelo desempenho da seleção comandada por Pelé e Tostão na final contra a equipe de seu país, Pasolini identifica dois tipos principais de praticar o futebol no mundo, um representado pela prosa e o outro, pela poesia.

Enquanto o primeiro valorizava o conjunto e visava a uma meta, o gol, através do “encadeamento lógico” das jogadas, o passe, sendo assim um “discurso em linha reta até o fim”, o segundo, mais

individualista, seria capaz de abolir meios e fins, indo e vindo como o floreio dos versos, burlando os elos da cadeia por meio do drible. Mais do que mera ultrapassagem, a finta constitui aquilo que Wisnik define como eclipse, termo técnico da retórica, “uma perturbação da linearidade que produz um efeito poético”.

Embora Pasolini tivesse estipulado uma divisão análoga em seu *métier*, com a contraposição entre um cinema-de-poesia (artístico-autoral) e um cinema-de-prosa (seriado-industrial), teria sido naquele âmbito esportivo que o encontro desses dois polos literários atingiu seu ponto mais fulgurante, num raro instante de fusão da prosa com a poesia. Se a aclamação europeia do Brasil remontava a bordões dos anos 20 e 30, tais como “os reis do futebol” ou “futebol-arte”, a Copa do México — transmitida a cores e ao vivo pela televisão para diversos países do mundo — representava a superação do nosso “complexo de vira-latas”, com o triunfo nacional numa escala imagética nunca antes vista.

Por um lado, o encantamento de Pasolini pelo modo de jogar brasileiro pode ser considerado uma atualização da postura de outros artistas europeus, como a fascinação de Pablo Picasso e dos surrealistas franceses pela arte *naïf* africana; por outro, a conversão do futebol em mais um fenômeno da cultura internacional-popular trazia subsídios para compreender a capacidade de povos atavicamente coloniais instaurarem uma “lógica da diferença”, com a recriação elíptico-antropofágica de práticas culturais como o esporte bretão.

Dessa maneira, instigado pelo *insight* pasoliniano, Wisnik vai à busca dos fatores antropológicos, históricos, filosóficos e psicanalíticos que tornaram possíveis aquele “gol fatal”. Grosso modo,

é possível identificar duas questões centrais: 1^a. De que maneira as propriedades intrínsecas do jogo podem explicar a planetarização espetacular deste esporte, a “futebolização do mundo”; 2^a. Como o futebol brasileiro foi capaz de se tornar o “império da elipse”, hipotasiando o drible e virando pelo avesso os valores preconizados pela moral esportiva.

Para responder à primeira questão, Wisnik sonda as raízes do fascínio imemorial exercido pelos jogos com bola. A combinação de violência com ritualismo festivo informa o seu fundamento arcaico, primário e irracional, de modo que a força do futebol provém de seu núcleo ambivalente, capaz de “abrigar a briga” e sublimá-la em rito. Mais do que um corte sociológico entre tradição e modernidade, Wisnik aposta num *continuum* antropológico entre os dois termos para mostrar como a sublimação do embate ritualístico, desde o consenso inglês e a codificação de suas regras em 1863, não anula o potencial agonístico do futebol. Este esporte apresenta assim um caráter não-excludente, nos quais o antigo, o agrário e o rural podem se imiscuir sorrateiramente no moderno, no urbano e no industrial.

A invenção do futebol propicia o exame das dimensões espaciais, angulares e geométricas do jogo, em que o círculo e o semicírculo, a linha e o quadrado, adquirem preeminência. O autor põe em relevo a forma como se dá na modernidade a distribuição funcional dos jogadores, a “ocupação do quadrilátero” e a “otimização do rendimento”, com base na equação fundamental: campo/bola, homem/meta.

Isso propicia os desenhos táticos e a configuração de inúmeras variáveis combinatórias, como a triangulação dos jogadores. A sime-

tria equitativa das configurações entre as duas metades do campo, bem como entre as duas equipes contrapostas por cores de identificação, é o ponto de partida que resultará em assimetria.

Com dicção haurida da psicanálise, Wisnik sentencia: “... a base é uma só: ganhar remete ao imaginário (à sensação plena e fugaz da completude), perder remete ao real (à experiência de um corte que devolve ao sentimento da falta)” (2008: 51).

Aos princípios matemáticos e ao planejamento racionalizador, ajunta-se, nesse sentido, a margem de imprevisibilidade estrutural do jogo. Sua abertura interpretativa aproxima o futebol da gratuidade da arte e revela seus aspectos cênicos, a partir dos quais a gestualidade dos jogadores, a falibilidade do juiz, a participação da torcida, a inconstância da pontuação produzem uma junção disparatada de gêneros, que incorporam de maneira simultânea o paródico, o polifônico, o dramático, o cômico, o burlesco, o grotesco etc.

A propósito das práticas e representações da violência de torcidas, José Miguel Wisnik assim se manifesta:

“Pode-se dizer que, no Brasil, a violência entre torcidas é talvez algo como um esporte radical de pobres, entre pobres, aterrorizando os ricos – pobres para os quais a inclusão numa torcida e seus emblemas, em batalha campal com a torcida outra, faz mais sentido do que os torneios simbólicos do jogo. Uma massa juvenil para a qual não falam tanto os símbolos sociais compartilhados a aderir, mas imagens de reconhecimento coletivo que se erguem para se contrapor à existência do outro, numa relação de reciprocidade ao avesso”. (2008: 55)

Para responder à segunda questão, acima, levantada, Wisnik aborda a sabedoria brasileira no uso do tempo, na reinvenção dos micros espaços e na criação inusitada de jogadas, elementos que indiciam uma “dialética da diferença”. O autor elege uma galeria de craques que tracejaram com seus dribles novas linhas, imaginárias e flutuantes, fazendo da “quadratura do circo” a “curvatura da reta”, expressa sob a via errático-criativa de elipses, de hipérboles e de parábolas. Segundo o autor: “Como finta e elipse, o drible vem da supressão de elos que comporiam os nexos lineares na sequência de um lance”.

Se “a prontidão é uma inteligência do corpo” e se a relação defesa/ataque é o “ponto arquimédico da alma nacional”, Wisnik analisa as jogadas exemplares dos brasileiros como cifras da cultura no arco do século XX: a pegada de Marcos de Mendonça, a chilena de Friedenreich, a domingada de Da Guia, a bicicleta de Leônidas, a folha-seca de Didi, o elástico de Rivelino, o calcanhar de Sócrates, numa sucessão invenções que culmina na pedalada de Robinho e na “antologia da elipse” dos Ronaldos.

Todavia, os jogadores de maior relevância do ponto de vista cultural são o *macunaímico* Garrincha, com seus rodopios entontecedores, e o *machadiano* Pelé, espécie de esfinge dos dilemas raciais no país. A justaposição entre personagens futebolísticos e personagens literários visa remeter o debate interno das quatro linhas do campo às interpretações do Brasil. Ao equacionar Garrincha à ausência de caráter do personagem de Mario de Andrade e ao relacionar Pelé a significados da vida e da obra do mulato Machado de Assis,

Wisnik procura explicar os paradoxos do nosso futebol, com base na ambivalência do termo grego *phármakon*, que designa a oscilação pendular entre o “veneno” e o “remédio”.

A leitura wisnikiana do futebol – um salto por sobre as ideias de seu mestre e preceptor, Antônio Cândido, em seu ensaio “Dialética da malandragem”, que aponta para a zona de permeabilidade entre a ordem e a desordem do país – propõe o Brasil como uma “droga”, um remédio irremediável, e a formação escravista como o seu *phármakon*.

Do substrato anímico da escravidão, é possível extrair a receita de sua ambivalência constitutiva: um “mal” nunca superado na experiência nacional e um “bem” valioso na sua existência, expresso em manifestações como a capoeira, o samba e o futebol, mas também na trama ambígua e inacabada de um país cujas barreiras sociais ao mesmo tempo afirmam e sonegam, incluem e excluem, admitem e rejeitam.

PARA CONCLUIR

“Aplicar ao futebol procedimentos da crítica de arte foi um dos caminhos que este livro seguiu para tentar captar as singularidades de que ele se investiu no Brasil”. Essa frase, extraída do livro de José Miguel Wisnik, pode ser estendida ao propósito dos demais autores citados ao longo desse capítulo. O objetivo de proceder a um balanço bibliográfico do futebol brasileiro estimulou-nos a buscar novas pistas e a identificar sendas alternativas para a sua compreensão na contemporaneidade.

Chamou a atenção aqui que o ensaio como gênero narrativo vem sendo utilizado de há muito pela intelectualidade para tratar do futebol no Brasil. Em contrapartida, quando se pensa na bibliografia sobre esportes na Academia, ato contínuo, o olhar se volta para as dissertações de mestrado e para as teses de doutorado defendidas nas últimas décadas no país. O ensaio ocupa, pois, um peso diminuto na consideração dos pesquisadores que investigam o futebol brasileiro.

Embora pouco considerados, grandes intelectuais têm-se valido, no decorrer do tempo, da escrita ensaística para refletir acerca do fenômeno futebolístico. Em razão do caráter plástico e polimórfico do ensaio, textos curtos alternam-se à narrativa de fôlego, com a sugestão de pistas interpretativas pela via do futebol para a decifração do Brasil moderno. Neste sentido, a estratégia aqui adotada foi pinçar uma gama de intelectuais que, vinculados à Academia, não seguiram o formato padrão prescrito pelos programas de pós-graduação.

À luz da história, foi conveniente recordar que a institucionalização da pesquisa em Ciências Sociais associa-se à constituição das universidades no Brasil, a partir dos anos 1930. Estas configuram-se de maneira mais nítida, como projeto moderno-universal, com a formação da Escola de Sociologia de São Paulo, em meados do século XX. Para a sua afirmação, elegeu-se como alvo contrário os chamados polígrafos, bacharéis egressos das Faculdades de Direito que, desde o século XIX, cultivavam a publicação de ensaios e de interpretações mais generalistas sobre o Brasil.

Dentre os ensaístas, Gilberto Freyre foi um dos intérpretes mais destacados, haja vista a repercussão de sua obra mais conhecida,

Casa-Grande & senzala (1933). As características formais e conteudísticas do longo ensaio freyreano fizeram deste um paradigma a ser superado pelas modernas ciências sociais, tais como idealizadas e constituídas na segunda metade do século XX, em especial nas universidades paulistas. O ataque às ideias de Freyre constituiu igualmente uma denúncia de sua obra como uma visão ideológica, esquiva e ambivalente na sua indeterminação entre a ciência e a arte. As exigências epistemológicas da ciência faziam do ensaio um gênero pouco confiável ao estatuto de cientificidade e de universalidade exigido pela Academia.

Tal proscrição estendeu-se ao campo de estudos esportivos, com a tentativa de consolidação da área mediante a adoção das monografias em nível de pós-graduação e a subjacente crítica ao modelo de narrativa ensaística freyreana até então adotado. Sem embargo, conforme procurei aqui ilustrar, a Academia, mesmo a matriz uspiana, em nenhum momento abandonou por completo o ensaísmo social.

De estrangeiros, como Anatol Rosenfeld e Vilém Flusser, passando por nativos, como Pessoa de Moraes, Décio de Almeida Prado, Flávio Aguiar, Antônio Risério e Nuno Ramos, o ensaio social continuou a contribuir com *insights* percucientes e com interpretações genuínas, em alusões ao estilo de jogo nacional e ao alcance estilístico da prática do futebol.

Desse rol de escritores, elegeu-se o livro *Veneno remédio*, de José Miguel Wisnik, como o mais paradigmático das virtudes do gênero do ensaio. Este reconhecimento fundamentou-se não apenas por ser obra de notável erudição e envergadura, com mais de 400

páginas, mas também pela qualidade analítica de suas interpretações originais sobre o fenômeno futebolístico brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. 2003. “O ensaio como forma”. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34.

AGUIAR, Flávio. 2003. “Notas sobre o futebol como situação dramática”. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática.

ASSIS, Machado de. 1994. “Notícia atual da literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, vol. III.

CANDIDO, Antônio. 1970. “Dialética da malandragem: caracterização das *Memórias de um Sargento de Milícias*”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: USP, n. 8, p. 67-89.

CANDIDO, Antônio. 2016. “Prefácio”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

COSTA, Leda Maria da. 2008. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Tese de doutorado; Departamento de Letras – UERJ.

DUARTE, Pedro. 2016. “O elogiável risco de escrever sem ter fim”. In: *Ilustríssima: Jornal Folha de São Paulo*. 28 de fevereiro, p. 01-08. Acesso em 22 de outubro de 2016:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1743666-o-elogiavel-risco-de-escrever-sem-ter-fim.shtml>

FAUSTO, Boris. 2010. “Futebol e cinema: um mundo masculino”. In: *Memórias de um historiador de domingo*. São Paulo: Companhia das Letras.

FAUSTO, Boris. 2009. “O fio invisível do Diamante Eterno”. In: *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo de Oliveira. 1974. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: Editora Documentário.

FLUSSER, Vilém. 1998. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

FRANCO JR., Hilário. 2007. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

FRANCO JR., Hilário. 2010. “Ensaio bibliográfico – Veneno remédio”. In: *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 163, p. 369-389.

MELO, Victor Andrade de. 2001. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará; Faperj.

MELO, Victor Andrade de; Maurício Drummond; Rafael Fortes e João Manuel Santos. 2013. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras; Faperj.

MORAIS, Pessoa de. 1968. “O futebol e a psicologia brasileira”. In: *Tradição e transformação do Brasil*. Guanabara: Editora Leitura.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2001. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

PRADO, Décio de Almeida. 1997. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRADO, Paulo. 2004. *Paulística etc*. São Paulo: Companhia das Letras.

PRADO, Paulo. 2012. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. 1981. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.

RAMOS, Nuno. 2007. “Os suplicantes: aspectos trágicos do futebol,”. In: *Ensaio geral: projetos, roteiros, ensaios, memória*. São Paulo: Globo.

RISÉRIO, Antônio. 2007. “A escola brasileira de futebol”. In: *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34.

ROSENFELD, Anatol. 2007. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. 1981. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense.

SCHWARZ, Roberto. 1972. “As ideias fora do lugar”. In: *Revista Lua Nova*. São Paulo: p. 150-161.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.